

Índice

Introdução	7
A Loja de Antiguidades	19
Notas	685

Capítulo Um

A noite é geralmente a minha altura predileta para passear. No verão, saio muitas vezes de casa bem cedo pela manhã e passo o dia a vaguear pelos campos e pelas veredas, ou então chego mesmo a ausentar-me durante dias ou semanas seguidas, mas, exceção feita ao campo, são raras as vezes em que saio antes do escurecer, embora, à semelhança de qualquer outra criatura viva, adore a sua luz e sinta a jovialidade que faz irradiar sobre a terra, dando graças a Deus por ela.

Caí impercetivelmente neste hábito, já que não só é benéfico para a minha enfermidade, como também me oferece mais oportunidades para conjeturar sobre os temperamentos e os afazeres daquelas pessoas que vão ocupando as ruas. O brilho ofuscante e a correria no pino do dia não se adequam ao meu deambular ocioso; um breve lampejo de rostos vislumbrado à luz do candeeiro da rua ou da montra de uma loja é, muitas vezes, mais benéfico para o meu propósito do que a sua total revelação à luz do dia, e, para dizer a verdade, a noite é mais benévola a esse respeito do que o dia, que tantas vezes destrói um castelo de areia no exato momento em que acaba de ser construído, sem a mais pequena cerimónia ou o mais pequeno remorso.

Os passos constantes de um lado para o outro, essa agitação sem fim, esse incessante ruído de passos que vão desgastando as pedras ásperas até as deixarem lisas e polidas — não é espantoso como os moradores das ruas estreitas conseguem aguentá-lo? Pense-se num homem enfermo num local como Saint Martin's Court que escutasse os passos e, no meio da sua dor e do seu cansaço, fosse obrigado a todo o custo (como se se tratasse de uma tarefa que lhe competisse realizar) a detetar e distinguir os passos da criança dos passos do adulto, os do mendigo de sapatos cambados dos do finório de botas calçadas, o arrastar surdo do tacão do indolente que va-

gueia pelas ruas do passo estugado do homem expectante que anda à caça do prazer — imagine-se todo esse estrépito e ruído constantemente presentes aos seus sentidos, juntamente com a torrente de vida que nunca dá tréguas, continuando a correr, a correr, a correr, atravessando os seus sonhos agitados, como se ele estivesse condenado a jazer morto, ainda que consciente, num cemitério ruidoso, e não lhe restasse nenhuma esperança de repouso para os séculos vindouros.

Depois, são as multidões que atravessam as pontes num eterno vaivém (pelo menos, naquelas em que não se paga portagem), onde são muitos os que param quando a noite está amena para olharem para a água com um ar desinteressado, entretendo a vaga ideia de que mais adiante essa água corre entre margens verdes que se vão tornando cada vez mais largas, até que, por fim, ela se une ao vasto mar — onde alguns se detêm para descansar das suas pesadas cargas, pensando, enquanto espreitam por cima do parapeito, que fumar e passar o tempo sem ter nada que fazer, dormindo ao sol numa lona quente, numa barca que se arrasta monótona e vagarosa, deve ser a felicidade perfeita — e onde outros tantos, de uma classe muito distinta, se detêm também para descansar das suas cargas ainda mais pesadas do que as primeiras, lembrando-se de terem ouvido ou lido em tempos remotos que a morte por afogamento não era uma morte penosa, mas, pelo contrário, a mais fácil e melhor de entre todas as formas de suicídio.

Também o mercado de Covent Garden ao nascer do Sol, na primavera ou no verão, quando a doce fragrância das flores paira no ar, sobrepondo-se até aos vapores insalubres da devassidão da noite anterior, deixando o tordo negro, cuja gaiola ficou toda a noite pendurada do lado de fora de uma água-furtada, meio doido de alegria! Pobre pássaro! A única criatura das redondezas com algumas parecenças com os outros pequenos cativos, alguns dos quais, escapando-se das mãos quentes dos compradores embriagados, vão caindo pelo caminho, ao passo que outros, embrutecidos por estarem tanto tempo apertados uns contra os outros, aguardam a altura em que serão banhados e arranjados para agradar a gente mais sóbria, e em que farão os velhos funcionários que passam por eles a caminho do escritório perguntar a si mesmos o que é que lhes terá enchido o coração com visões campestres.

Porém, o propósito que me ocupa de momento não é divagar acerca dos meus passeios. Deu-se o caso da aventura que estou prestes a relatar, e à qual irei regressar a espaços, ter tido origem numa dessas deambulações, e é por isso que me senti impelido a falar nesses passeios, à laia de prefácio.

Certa noite em que me encaminhara para a cidade, andando ao meu passo vagaroso do costume e meditando sobre muitas coisas ao mesmo tempo, fui surpreendido por uma pergunta, cujo sentido não me foi ime-

diatamente discernível, mas que me pareceu ser dirigida à minha pessoa, pronunciada numa voz doce e suave que me soou muito agradável.

“Fica muito longe daqui, minha filha”, disse-lhe.

“Bem sei, senhor”, respondeu ela com timidez. “Fica mesmo muito longe daqui, de facto, até porque vim de lá esta noite.”

“Sozinha?”, perguntei um tanto surpreendido.

“É verdade, mas isso não me rala; agora é que estou um bocadinho assustada porque me perdi no caminho.”

“E porque é que decidiste perguntar-me a mim? Supõe tu que eu te enganava.”

“Tenho a certeza de que não faria isso”, disse a criaturinha, “até porque o senhor já tem muita idade, e ainda para mais anda tão devagar...”

Não me é possível descrever o quão impressionado fiquei com esta súplica e com a energia nela investida, que fez brotar uma lágrima nos olhos claros da criança e levou a que a sua figura delicada estremecesse assim que ela ergueu o olhar para o meu rosto.

“Vem comigo”, disse-lhe, “eu levo-te até lá.”

Ela deu-me a mão de forma tão confiante como se me conhecesse desde a nascença, e então começámos a caminhar juntos, a criaturinha acertando o passo com o meu, dando mais a impressão de ser ela a conduzir-me e a tomar conta de mim do que ser eu o responsável por protegê-la. Reparei que de vez em quando ela lançava um olhar curioso para o meu rosto, como se para ter a certeza absoluta de que eu não estava a enganá-la, e notei também que esses olhares (muito ávidos e compenetrados) pareciam fortalecer a sua confiança à medida que se iam repetindo.

Pela minha parte, o interesse e a curiosidade que sentia eram, no mínimo, equivalentes aos da criança, pois sem dúvida que se tratava de uma criança, embora na altura me tenha parecido provável, por aquilo que pude inferir, que a sua constituição diminuta e frágil conferia uma mocidade um tanto peculiar à sua aparência. Embora menos agasalhada do que deveria estar, apresentava-se perfeitamente asseada no vestir e a sua aparência não revelava sinais de pobreza ou de desmazelo.

“Quem é que te mandou para tão longe e sozinha?”, perguntei-lhe.

“Uma pessoa que é muito boa para mim, senhor.”

“E o que tens estado tu a fazer?”

“Isso não lhe posso dizer”, disse a criança com firmeza.

Algo houve no tom desta resposta que me levou a olhar para a criaturinha com uma expressão involuntária de surpresa, pois não pude deixar de perguntar a mim mesmo que espécie de recado era aquele que, pelos vistos, a tinha feito preparar-se para um eventual interrogatório. O seu olhar

rápido pareceu ler-me pensamentos, pois ao cruzá-lo com o meu ela acrescentou que não tinha estado a fazer nada de mal, mas que, ainda assim, se tratava de um grande segredo — um segredo cujo conteúdo ela própria ignorava.

Isto foi dito sem o menor sinal de astúcia ou ludíbrio, mas sim com uma franqueza insuspeita que trazia a marca da verdade. Ela continuou a caminhar como antes, ganhando uma familiaridade cada vez maior com a minha pessoa à medida que íamos avançando, não deixando de conversar animadamente pelo caminho, embora nada tenha acrescentado a respeito da sua casa além de comentar que estávamos a ir por uma estrada diferente e de perguntar se se tratava de um caminho mais curto.

Enquanto seguíamos, eu continuava a revolver na minha mente uma centena de explicações diferentes para aquele enigma, rejeitando uma atrás da outra. De facto, sentia-me deveras envergonhado por me aproveitar da candura ou do sentimento de gratidão da criança com o propósito de satisfazer a minha curiosidade. Adoro estas criaturinhas; e não é coisa ligeira quando elas, por seu turno, ainda tão cheias da graça de Deus, nos mostram igual apreço. Agradado como ficara ao início com a forma como ela confiara em mim, estava agora determinado a merecer essa confiança e a fazer jus à natureza que a tinha levado a depositá-la na minha pessoa.

Porém, não havia razão para que eu me abstinêsse de ver a pessoa que havia tido a desconsideração de mandá-la para tão longe àquela hora da noite e ainda por cima sozinha, e como não era de todo improvável que, uma vez achando-se perto de casa, ela pudesse despedir-se de mim e privar-me dessa oportunidade, evitei os caminhos mais frequentados e optei pelos mais intrincados, de forma que só quando chegámos à rua propriamente dita é que ela deu conta de onde nos encontrávamos. Batendo palmas de contente e pondo-se a correr à minha frente, sem, no entanto, se afastar muito, a minha amiguinha parou junto a uma porta e, detendo-se no degrau da entrada até que eu me aproximasse, bateu à porta quando ficámos lado a lado.

Parte desta porta era de vidro e não tinha nenhuma portada a protegê-lo, algo de que não dei conta ao início, pois estava muito escuro e silencioso lá dentro, e eu estava ansioso (tal como a criança) para ouvir uma resposta à nossa chamada. Assim que ela bateu duas ou três vezes à porta, ouviu-se um barulho, como se alguém se deslocasse no interior, e por fim uma luz débil surgiu através do vidro, luz essa que, aproximando-se muito lentamente, pois quem a transportava teve de abrir caminho por entre um monte de artigos espalhados, me permitiu enxergar tanto o género de pessoa que então avançava como o género de lugar por onde avançava.

